

CECILIA NOEMI MORELLI FERREIRA DE CAMARGO

A HESITAÇÃO NA COMUNICAÇÃO

A RELAÇÃO ENTRE DOIS GRUPOS PROFISSIONAIS

Dissertação apresentada junto ao Departamento de Relações Públicas e Propaganda da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Modesto Farina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação.

**SÃO PAULO
1980**

CECILIA NOEMI MORELLI FERREIRA DE CAMARGO

A HESITAÇÃO NA COMUNICAÇÃO

A RELAÇÃO ENTRE DOIS GRUPOS PROFISSIONAIS

Dissertação apresentada junto ao Departamento de Relações Públicas e Propaganda da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. Modesto Farina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Comunicação.



**SÃO PAULO
1980**

**Para voce,
meu pai.**

Para meus filhos ...

Para minha mãe

A G R A D E C I M E N T O S

Gostaria de expressar minha gratidão e reconhecimento a todos aqueles que direta ou indiretamente me auxiliaram na elaboração deste trabalho.

Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES) que financiou parte da pesquisa;

Prof.Dr. Modesto Farina, meu orientador que nos altos e baixos, me incentivou;

Prof.Dra. Sílvia T.M. Lane, cujo apoio intelectual, crítico e amigo fez com que nascesse o presente trabalho;

A Ivy que assumiu comigo a responsabilidade da parte estatística;

A Ivy, pelo carinho e apoio;

A todos meus colegas psicólogos que de todas as maneiras, forneceram-me preciosa ajuda;

A todas as pessoas que participaram como sujeito;

A Olga e Claudete que durante a elaboração deste trabalho, muitas vezes me ajudaram a cuidar do Gus, da Ale e do Marcelo;

- A voces, filhos amados, Alexandra e Gustavo pelo calor e compreensão que fizeram com que eu não desistisse desta tarefa;
- A voce Alemão, por existir;
- A voce Chico,. por vir;
- A voce Miori, companheiro amigo, que venceu comigo esta empreitada, me ajudando atemporalmente;
- A voce Mi, pessoa querida, pelo incentivo, carinho e afeto...

A todos

Meu muito obrigada

Cecília.

ÍNDICE GERAL.

CAPÍTULO I - CONSIDERAÇÕES GERAIS

	Pg
1 - O problema	1
2 - Pressupostos conceituais	4
3 - Formulação de hipóteses	11

CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA

1 - O fenômeno da hesitação	15
2 - Funções linguísticas	20

CAPÍTULO III DELINEAMENTO GERAL DA PESQUISA

1 - Construção do instrumento de medida	24
2 - Seleção da amostra	25
3 - Coleta dos dados	26
4 - Variáveis	30

CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

1 - Análise quantitativa das emissões codificadas na categoria I	36
2 - Análise quantitativa no cruzamento das amostras na categoria I	37
3 - Análise quantitativa no cruzamento das amostras na categoria II	38
4 - Análise quantitativa no cruzamento das amostras na categoria II	40
5 - Análise quantitativa no cruzamento das amostras segundo a variável pausas	42

CAPÍTULO V - CONCLUSÕES

	Pg
1 - Conclusões gerais	45
2 - Conclusões específicas	49
3 - Conclusão final	56

Referências Bibliográficas

Bibliografia	63
Sumário	69

ÍNDICES DOS GRÁFICOS

	Pg
GRÁFICO I : Relação de emissões verbali- zadas entre advogados e dentistas.	36
GRÁFICO II : Relação de emissões codifi- cadas como Categoria I, categoriaII e pausa.	37
GRÁFICO III : Relação entre palavras ca- so e tipo da categoria I.	38
GRÁFICO IV : Classificação da amostra segundo atividades profissionais e categoria I.	39
GRÁFICO V : Relação na categoria II en- tre palavra caso e palavra tipo.	40
GRÁFICO VI : Classificação da amostra na categoria II entre palavra caso e palavra tipo.	41
GRÁFICO VII :Relação obtida na variável pausa entre pausa longa e pausa breve.	42
GRÁFICO VIII : Classificação da amostra entre pausa breve e pausa longa.	43
GRÁFICO IX : Relação entre atividade profissional advogados e variáveis dependentes.	48
GRÁFICO X : Relação entre atividade profissional dentistas e variáveis dependentes.	48

CAPÍTULO I

C O N S I D E R A Ç Õ E S G E R A I S

CAPÍTULO I

1. O PROBLEMA

Os diferentes ramos das ciências humanas e sociais, entre eles, a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia vem desenvolvendo, nos últimos anos, um campo de estudos, muitas vezes voltado para o campo da comunicação linguística e nas interrelações decorrentes enriquecem-se mutuamente. Parecem assim, relevar a tendência para aceitar não só como fato mas como uma orientação a ser seguida, que a linguagem seja o principal instrumento da comunicação informativa.

Jakobson, comenta os resultados de uma conferência interdisciplinar, referindo-se à unanimidade de opiniões que concordam com este ponto de vista, no cap. I de Linguística e Comunicação. (1)

Assim, os trabalhos que se desenvolvem nesta área revelam, muito mais que modismos momentâneos e passageiros; revelam a necessidade de conhecer melhor as relações entre fatores concernentes aos problemas de linguagem e de comunicação. No entanto, não se pode negar que este seja um objetivo de estudo de extrema complexidade: as inúmeras abordagens possíveis e a interveniência de múltiplos fatores interferentes abre um vasto campo de estudo.

Admitindo a inerência da capacidade

de simbolizar à natureza do homem e tendo que a língua é o instrumento principal para consecução dessas atividades, é válido afirmar que é preciso conhecermos mais certas particularidades de uso da linguagem por diferentes grupos, sendo que os termos língua e linguagem estão sendo aqui utilizados em uma acepção mais geral e aparecem como substitutos. Por linguagem estamos entendendo conforme Tatiana Casacu" um conjunto complexo de processos resultantes de uma certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social - que torna possível a aquisição e o emprego concreto (...) de uma língua qualquer (...); a linguagem só pode existir, manifestar-se e desenvolver-se pelo feito de aprender e de empregar qualquer língua. A forma mais frequente de manifestação da linguagem é a linguagem falada, tornada concreta na palavra, ou seja a realização verbal do processo de comunicação. A palavra é um dos aspectos da linguagem - o mais importante (...)." (2)

Segundo Dino Pretti" é com efeito na língua e pela língua que o indivíduo e a sociedade se determinam mutuamente (...). Porque a linguagem representa a forma mais alta de uma faculdade que é inerente à condição humana, a faculdade de simbolizar". (3)

Dessa forma, vemos que a língua acaba sendo o fator de interação entre o homem e o meio em que ele atua, e estes (homem e meio) acabam por se imprimir mutuamente determinadas características.

Assim parece também pensar Marcuschi ao afirmar que" sem ela não haveria formação de grupos(...)

não seria possível nem a transmissão de toda esta esfera complexa a que chamamos "técnica", "ciência" e "cultura" (...) não nos esqueçamos porém, que a linguagem não é somente condição mas também produto da integração social. (4)

Parece-nos então, desnecessário reafirmar a atualidade de estudos cuja finalidade seja responder a questões localizadas nessa área. Admitindo então, como não questionável o fato contido na afirmação de Marcuschi de encarar a linguagem como fator de integração social parece-nos importante conhecer particularidades do uso que se faz dela:

É neste campo que se encontra o problema que nos propomos a estudar. No entanto, este é um campo muito vasto e complexo tornando-se necessário, em qualquer estudo desta natureza, que se isole um determinado fenômeno a ser estudado.

Entre estes, escolhemos um certa característica de linguagem chamada de hesitação que será oportuna e operacionalmente definida. Alguns autores aceitam a sociedade como estando dividida apenas em classes. Como esta discussão não é o objetivo deste estudo vamos aceitar também, outro tipo de divisão. Uma destas pode ser estabelecida pelo tipo de atividade profissional a que se dedicam os diferentes grupos de indivíduos, entendidos aqui como pessoas que compartilham a mesma atividade profissional, isto é, tem um objetivo-comum.

Esta classificação pressupõe toda uma

forma de atuação diferenciada que estaria refletida no linguajar destes grupos. Assim, deveriam existir tantas diferentes formas de uso da linguagem quantos grupos puderem ser encontrados pois segundo Guilhon (5) para explicar um fenômeno específico seria preciso renunciar a apreendê-lo em sua complexidade de fenômeno concreto e considerá-lo na sua especificidade. Daí a necessidade de isolar características e estudá-las separadamente vendo em que grupos podem ser encontradas ou então, de extrair dos grupos particularidades ou características e analisá-las a seguir, pois ao fundo de tudo isso há nossa convicção de que um homem real, concreto, só seria passível de análise quando referido a sua própria história, isto é seu conceito não poderia ser construído com base em caracteres comuns a todos os indivíduos mas com base nas suas relações com a natureza, transformando-a pelo trabalho. Optamos pela primeira possibilidade. Assim, seria possível afirmar que a forma de atuação social diferenciada reflete-se no uso diferenciado da linguagem sendo isto apreensível por meio das características deste linguajar ?

Será por meio da análise da maior ou menor presença do fenômeno da hesitação, na comunicação de indivíduos pertencentes a diferentes grupos, que pretendemos encontrar a resposta inicial para a questão.

2. PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS.

Parece-nos importante estabelecer alguns pressupostos conceituais sobre os quais está fundamentado o presente trabalho. Para tanto, inicialmente, transcrevemos

um trecho de Tatiana Slama-Casacu. "A linguagem é um fato social tanto no ponto de vista genético (por ser a sociedade a propulsora da aparição desse fenômeno) como também do ponto de vista de sua própria natureza, das condições em que se desenvolve. Todo feito de linguagem, implica um ponto de contato recíproco, o estabelecimento de relações, pelo menos, entre duas pessoas, das quais uma expressa um conteúdo psíquico, e a outra, à qual está sendo dirigido o conteúdo adquire uma atitude de "recepção". A relação que entre essas duas pessoas se estabelece pela linguagem é pois uma "comunicação". Uma das pessoas se manifesta de certa maneira, com a finalidade de comunicar aos companheiros receptores um conteúdo próprio". (6).

Posto que a linguagem é um fato social é natural que se admita grande variabilidade dentro desta linguagem. "Estas variedades podem ser estudadas do ponto de vista comunicação verbal atual e (...) podem ser examinadas ao nível de modelos sonoros, ao nível de vocabulário, ao nível de fatos gramaticais, ao nível de significado" (7) e acrescentamos nós, do ponto de vista do tamanho da hesitação na comunicação desse grupo.

De fato, alguns autores tem se dedicado ao estudo destas variações. Labov é um deles e afirma que "a forma do comportamento linguístico muda rapidamente assim que a posição social do falante muda. (8). Esta maleabilidade da linguagem explica sua grande utilidade como um indicador de mudança social.

No entanto, não pretendemos demonstrar

todo um processo social: para tanto, pelo menos mais do que uma característica de linguagem deveria ser detectada e analisada.

A reflexão proposta por Labov é importante na medida que nos alerta para as grandes possibilidades dos estudos de características de linguagem na comunicação social. Este trabalho inicia um estudo deste tipo pela análise de apenas uma destas características.

Parece-nos que há nesta pretensão uma dupla finalidade: poderíamos não só responder ao problema inicialmente aqui proposto mas também dando prosseguimento a este estudo introdutório mostrar se é ou não possível, a realização da verificação empírica da proposta de Labov: há mudanças linguísticas se muda a posição na estrutura social.

Índices fonológicos, baseados em elementos do sistema de sons da linguagem, são particularmente úteis a este respeito. Eles nos dão um grande quadro quantitativo extraído de amostras relativamente pequenas de fala: de poucos minutos de conversação, sobre qualquer tópico, pode-se extrair índices de escalas relevantes para muitas variedades. Estas variações nas quais estes índices estão baseados, são independentes do controle do sujeito. Além disso, os sistemas sonoros (fonológicos) mostram o mais alto grau das estruturas internas de todos os sistemas linguísticos, de modo que um dado processo social pode ser acompanhado correlacionando-se mudanças nos índices fonológicos. (9)

Como escolhemos para análise o fenômeno da hesitação parece-nos importante relatar que há estudos sobre o assunto: Bernstein dedicou-se com mais cuidado a este fenômeno específico.

É preciso que se lembre que Bernstein como sociólogo da educação antes de qualquer outra coisa, tem conseqüentemente uma visão, pelo menos inicialmente, voltada mais para o âmbito social dos problemas que analisa, do que para seu lado propriamente linguístico. Um certo número de críticas foram a ele dirigidas por linguístas já na publicação de seus primeiros trabalhos. Estas eram devidas ao mau entendimento de termos de Linguística utilizados pelo autor, mas dotados de significados próprios. Bernstein reconheceria seu erro neste domínio " eu teria criado menos malentendidos se eu tivesse falado de códigos sociolinguísticos, e não de códigos linguísticos".

(10)

As matrizes teóricas de sua obra sofreram também modificações consideráveis.

Nos seus trabalhos aparecidos por volta de 1958 há um fundo durkheimiano que para Bernstein esclarece as ligações entre os sistemas simbólicos, as relações sociais e a estruturação da experiência.

No entanto, Durkheim deixa sem resposta duas questões de Bernstein:

1. Como, por qual mediação, se realiza esta relação entre estru

tura social, sistema simbólico e estruturação da experiência ?

2. Como é que os sistemas simbólicos mudam ?

Para a primeira questão Bernstein vai encontrar respostas em G. Mead para quem a criança adquire os valores da sociedade adquirindo o sistema de símbolos comum e partilhado que está contido na linguagem. As palavras da mãe refletem postulados ideológicos fundamentais do grupo de base que é a família. A criança adquire os princípios conjuntamente com a língua não sendo portanto a sua aprendizagem "puramente linguística".

Em Marx, Bernstein encontra a resposta para a segunda questão sendo que o acesso aos sistemas simbólicos, seu controle, sua orientação e sua mudança são governados pelas relações de classe existentes numa sociedade. " Não há senão o capital que está sujeito à apropriação, manipulação e exploração, mas também o capital cultural na forma de sistemas simbólicos por meio dos quais o homem pode estender e mudar as fronteiras de sua experiência . Parece que não é preciso levar mais longe a analogia aqui sugerida. Desta forma, a linguagem seria assimilada aos meios de produção e ao capital sendo um e outro frutos da atividade coletiva." (12) Parece-nos assim que é justificado o estudo que realizamos supondo que há variação na linguagem, decorrente do tipo de atividade profissional exercida por diferentes grupos.

De fato, Bernstein coloca entre os principais agentes de socialização a família, a escola, e o grupo de companheiros composto pelos colegas de trabalho.

Um dos pontos bastante controvertidos

da teoria de Bernstein é com referência aos códigos lingüísticos. Conforme já afirmamos e o próprio Bernstein o reconhece-se ele não apresenta um estudo muito detalhado do processo pelo qual a situação de classe do indivíduo determina nele uma estrutura profunda da comunicação, nos indica pelo menos a direção na qual devem ser procuradas as razões deste fenômeno.

"Se um grupo social, em virtude de sua situação de classe, encarada como resultante do ofício e do status social, desenvolveu fortes ligações internas, se as relações de trabalho neste grupo apresentam pouca variedade, pouca participação nas decisões, se uma reivindicação para ser eficaz deva ser um ato coletivo mais que individual se o trabalho consiste em uma manipulação e um controle físicos, e não simbólicos (...) pode-se supor que tal estrutura engendra uma forma particular de comunicação que formará a orientação intelectualmente, social e afetiva das crianças." (13)

É nesta estrutura que, floresce o que chama de código restrito.

Para o objetivo do presente trabalho nos parece dispensável um maior aprofundamento sobre a natureza e funcionamento de tais códigos.

É importante para nós, ressaltar a ênfase que é dada ao papel de destaque desempenhado pela atividade profissional na linguagem e na comunicação. Se tal atividade pode interferir na formação de todo um código "sociolingüístico" parece-nos, lícito procurar dentro do mesmo código (seja

ele elaborado ou restrito) diferenças que estejam sendo determinadas pelo tipo de atividade profissional. Desta forma, os indivíduos aprendem o papel social mediante os processos de comunicação e o modo de falar situa o indivíduo numa estrutura social.

Bernstein usou em quase todos seus trabalhos os termos código elaborado e restrito. Num deles fez uma correlação entre o uso dos códigos por diferentes classes sociais e o fenômeno da hesitação. (Linguistic codes, hesitation phenomena and intelligence). Nos interessa aqui uma parte da teoria dos códigos na medida que pode ser relacionada com nosso objetivo. Bernstein afirma que "um dado indivíduo, família ou grupo pode (e mais certamente vai) comumente fazer uso de ambos os tipos de códigos (mais exatamente de mais de uma das variedades de codificação) (...) mostra que os tipos de códigos são graus de mais ou menos e não de tudo ou nada (...) Além disso, as distinções não são avaliações muito menos avaliações pejorativas. Cada tipo de codificação é vista como apropriada à uma matriz social que o ocasiona. (14)

É importante destacar que os códigos podem ser definidos em termos de probabilidade de predição cujos elementos estruturais serão selecionados para a organização do significado. Os elementos estruturais serão altamente previsíveis, no caso de código restrito e muito menos no caso de código elaborado. É considerável que um código elaborado facilite uma elaboração verbal da intenção, ao passo que o código restrito limita a explicação verbal do intento. Os códigos são concebidos como sendo funções de diferentes formas de

relações sociais ou mais genericamente qualidades de diferentes estruturas sociais". (15).

No artigo referido, salienta mais uma vez o fato de que num nível psicológico os códigos podem ser distinguidos um do outro pela extensão em que facilita (código elaborado) ou inibe (código restrito) a orientação para simbolizar intentos numa forma verbalmente explícita.

Nesse mesmo artigo, o fenômeno da hesitação é apresentado e definido, como sendo uma relação entre comprimento de frases e ou palavras e número de pausas, sua duração e distribuição, uma vez que o que se está medindo é número de palavras, o número das sílabas, o ritmo (baseado no ritmo do discurso vocal, exceto as pausas) e tempo médio e números de pausas em relação ao número de palavras; esta forma de definir hesitação levou Bernstein a concluir que ela é menor na classe que chamou de operária (Working - Class) e que fluência e hesitação parecem discriminar entre dois tipos de discurso e diferenciam dois níveis de planos verbais além de não estar correlacionada com a inteligência. Esta foi a pesquisa de Bernstein que deu origem ao presente trabalho.

3. FORMULAÇÃO DE HIPÓTESES

As idéias de Bernstein que se relacionam mais diretamente com este trabalho podem ser resumidas como segue:

- há uma relação entre classe operária, uso de código restrito e um grau menor de hesitação.

- há uma relação entre classe média, uso mais acentuado de código elaborado e um grau maior de hesitação.

Estas relações nos levam a pensar na possibilidade de existência de variações no grau de hesitação decorrentes não apenas da posição na estrutura social mas de outras variáveis. Ocorreu-nos então, que dentro da mesma classe ou como quer Bernstein dentro do grupo de indivíduos que supostamente faz uso do mesmo código possam ser detectadas diferenças no discurso verbal, entre elas no grau de hesitação.

Estas poderiam ser uma decorrência do tipo de atividade profissional exercida por certos indivíduos: se a atividade profissional caracteriza e controla o relacionamento social de um indivíduo e, se sua linguagem é decorrente e mantenedora desta posição poderíamos então, procurar diferenças na linguagem de tais indivíduos.

Estabelecemos desta forma, inicialmente, duas categorias de indivíduos. A primeira delas seria composta por atividades nas quais o " fazer " profissional seja a própria ação de falar (esta vista como o instrumento de trabalho). A este tipo de atividade estão vinculadas profissões como a advocacia e a docência em humanas entre outras; a outra seria composta por atividades nas quais o " fazer " profissional fosse qualquer outra ação que não o ato da fala como ocorre com dentistas e cirurgiões entre outros.

Estas são atividades profissionais que podem, muito nitidamente, ser diferenciadas quanto ao uso que

fazem da palavra.

Assim colocado o problema, podemos chegar à formulação de hipóteses, a serem aceitas ou rejeitadas por trabalho de pesquisa.

Desta forma, podemos supor que, ou o nível de hesitação no falar é igual para indivíduos diferenciados segundo o tipo de atividade profissional, o que equivale a dizer que o tipo de atividade profissional não interfere no nível de hesitação no falar; ou o nível de hesitação no falar é diferente para indivíduos diferenciados segundo tipo de atividade profissional, em outras palavras, o tipo de atividade profissional interfere no nível de hesitação no falar. Cabe - nos portanto, verificar por meio de pesquisa exploratória, se ocorre tal diferença, sendo a validade dos resultados dependente ' do padrão de respostas obtidas.

CAPÍTULO II

REVISÃO DA LITERATURA

1 - O fenômeno da hesitação.

O fenômeno da hesitação na comunicação de grupos já foi preocupação de alguns estudiosos; no entanto, é relativamente bem pequeno o número de trabalhos que podem ser encontrados especificamente sobre o fenômeno; pequeno, é também o número de trabalhos sobre indicadores de hesitação sendo o fenômeno, portanto, pouco estudado.

Howard Maclay e Charles Osgood no trabalho, *Hesitation Phenomena in Spontaneous English Speech* (16) fazem uma revisão da literatura existente sobre o assunto e relatam suas experiências sobre o assunto. Descrevem um experimento onde há um estudo quantitativo de "filled and unfilled pauses", repetições e falsos começos no discurso de doze participantes. A análise, em termos tanto de diferenças individuais, como de distribuições linguísticas é feita e algumas implicações são descritas particularmente com referência à natureza das unidades de codificação e sua incerteza relativa.

Os autores afirmam que embora referências à pausa e ao silêncio ocorram frequentemente na literatura, muito pouca pesquisa tem sido levada a efeito.

Em sua revisão afirmam que tres trabalhos mais importantes ilustram melhor sobre o assunto, pausas e hesitação.

O primeiro destes, é o trabalho de

Bloomfield que na sua lista dos fonemas de Chicago incluiu a vírgula, que descreve como situada entre símbolos primários e a pausa, frequentemente precedida por uma subida de entonação, que promete a continuação da sentença. Segundo o autor este é um tipo de fonema que consiste de uma subida na entonação antes de uma pausa numa sentença.

Diz, em um comentário posterior, que os componentes de pausa deste fonema são úteis mas não são necessários como critérios para sua identificação.

Osgood refere-se ainda ao trabalho de Harris (1951) que usa pausa no mesmo sentido genérico, como um índice de conjuntura acrescentando que, pausas intermitentemente presentes, podem também ser encontradas em linguagens que perderam o contato, e onde, uma divisão entre grupos de respiração ocorre algumas vezes.

Provavelmente, o mais explícito e sistemático emprego do fenômeno de pausa como um elemento de análise linguística é visto no trabalho de japoneses de Bloch onde ele afirma que todas as pausas numa sentença são facultativas : produções repetidas da mesma sentença pelo mesmo ou por outro orador mostram algumas vezes a pausa presente e outras ausente, sem mudança de sentido.

A presença ou ausência de pausas numa sentença depende, em parte, de fatores de estilo e em parte do tempo (música) e cuidado da produção.

No entanto, algumas pausas facultativas são mais constantes do que outras, aparecendo mais consistentemente em instâncias da mesma sentença. Isto é suficiente para distinguir duas categorias de pausas facultativas: mais alta (mais constante) marcada por uma vírgula; e mais baixa (menos constante), marcada com um ponto.

Neste mesmo trabalho, Bloch define um grupo mínimo de pausas que propicia um dos critérios para definir palavras em japonês. Um aspecto interessante de sua discussão é a catalogação das pausas nas bases de frequência num dado contexto e a implicação de que elas não são randomicamente distribuídas, respeitando formas linguísticas. Parece, assim, fácil concluir que o fenômeno de pausa, enquanto é frequentemente mencionado por linguístas funciona essencialmente como evento não significante quando pode servir para identificar linguisticamente unidades relevantes, assim como conjunturas localizadas no domínio de fonemas, palavras - frases e sentenças.

O caráter físico da pausa, como o termo é usado pelos linguístas, é raramente especificado, enquanto é provável que muitas das instâncias de pausas que são referidas numa descrição linguística se sobreponham a tipos de hesitação. Há no entanto, uma diferença no trabalho, refere-se a eventos que são relativamente flagrantes e facilmente observáveis enquanto a conjuntura das pausas na teoria linguística são quase curtas na duração e muito mais difíceis de serem observadas.

Além disso, a hesitação, frequentemente, interrompe o curso da conversa enquanto as pausas não, se-

gundo o trabalho do próprio Osgood.

Lembra ainda, com referência ao trabalho de Bloomfield que frequentemente fatores não linguísticos interferem na construção. Osgood diz que esta observação está de acordo com os resultados por ele obtidos e deixa para nós o lado psicológico da questão. Além disso, possuindo uma longa tradição de pesquisa em comportamento verbal, os psicólogos experimentais tem usualmente preferido ficar com material escrito já normalizado e tem demonstrado pequeno ou nenhum interesse na hesitação presente na linguagem falada.

O autor refere-se ainda ao fato de que o estudo da hesitação pode levar a interpretação psicanalíticas do fenômeno tal como já o fizeram Freud (1938) e George Malh (1956) que fica mais no campo de demonstrar a "patologia" de certas características de linguagem.

Outro trabalho que é referido, é o de Frieda Goldman Eisler; (1954) ela estudou o ritmo de produção do discurso, pausas e hesitação, respiração de discurso e suas interrelações sob várias condições, particularmente na entrevista psiquiátrica. Entre suas mais significantes observações encontramos: a variabilidade no ritmo total prova que há principalmente uma função no tempo gasto nas pausas de hesitação e não no tempo gasto na articulação; - produções pequenas são - muito mais variáveis no ritmo do discurso do que as longas(...) Interupções no ritmo do discurso são ocasionadas por pausas de respiração e por pausas de hesitação; e menos pausas de hesitação antecipam a informação ou incerteza na mensagem que esti -

ver sendo produzida; havendo uma dependência da combinação habitual de palavras tornada mais ou menos automática ou da aprendizagem de condicionamento onde então a escolha é mais individual e o discurso hesitante.

Osgood afirma ter chegado a conclusões semelhantes em seu trabalho, cujas hipóteses eram de que as pausas de hesitação e os pontos de incerteza, estatisticamente altos, não caem nos pontos onde, uma análise imediata estabeleceria limites entre uma alta ordem linguística, ou onde conjunturas sintáticas ou pausas facultativas ocorreriam.

Conclui que, a implicação da hipótese é que parece possível, identificar unidades de codificação psicolinguísticas funcionais pela análise do fenômeno da hesitação.

Outro importante trabalho sobre pausas é feito por Frieda Goldman Eisler (17) onde ela conclui que se a produção de toda fala fosse de dificuldade igual, o tempo levado para a emissão de enunciados seria, para qualquer indivíduo, determinado pela quantidade de unidades emitidas e a fluência seria constante. Isto, no entanto, segundo o autor não ocorre: o tempo aumenta, consideravelmente, quando passamos da descrição concreta de eventos para uma interpretação de significado geral isto é, abstração e generalização dos eventos requer mais tempo. Assim, demonstra-se que o aspecto estatístico da linguagem, significando previsibilidade, é somente um fator na determinação da hesitação ou fluência no falar, sendo o nível de abstração na geração de conteúdo o segundo fator, o que em termos subjetivos significa que os dois fatores se

traduzem em escolhas léxicas e criação semântica complexa.

Vemos assim que, todos os trabalhos so bre hesitação, estão fundamentados numa definição do fenômeno , basicamente em função do tempo, excetuando-se o de Goldman - Eisler onde há um direcionamento para uma interpretação do fenômeno como função de abstração.

2 - Funções Linguísticas.

Neste trabalho, pretendemos ampliar um pouco o âmbito da significação do fenômeno e para tanto utilizaremos os conceitos das funções das orações proposto por Jakobson (18) onde ele propõe que existam seis fatores constitutivos do processo linguístico de todo ato de comunicação verbal, determinantes de seis diferentes funções da linguagem.

Afirma que, dificilmente, se encontraria uma mensagem verbal que preenchesse uma única função estando a diversidade, não no monopólio de alguma dessas funções: a estrutura verbal de uma mensagem depende basicamente da função predominante.

Assim, embora a função referencial seja a tarefa dominante de numerosas mensagens a participação adicional de outras deve ser levada em conta em tais mensagens.

Esta é a função do remetente, denotativa e conotativa, que envia uma mensagem ao destinatário; a

mensagem requer um contexto a que se refere (...) que seja verbal ou suscetível de verbalização; um código comum ao remetente e ao destinatário (em outras palavras ao codificador e ao decodificador mensagem) e um contato, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário.

Assim, a função emotiva seria a expressão da atitude de quem fala em relação ao que está falando: seria a função do remetente. A função determinada pelo fator contexto seria a referencial indicativa de algo ou alguém de que se fala.

A função conativa, encontra sua expressão mais pura no vocativo e no imperativo, função esta ligada ao destinatário.

Outra função seria a função fática presente em mensagens que demonstram um pendor para o contato onde há troca de formas ritualizadas e pontilhada por diálogos onde o único propósito é prolongar a comunicação e manter a comunicação.

Percebe-se aqui o empenho de iniciar e manter a comunicação. Primeira função verbal que as crianças adquirem demonstrando a tendência a comunicar-se antes de serem capazes de enviar ou receber comunicação informativa.

Além desta, a função denominada de metalinguística, que fala da própria linguagem e que desempe -

nha papel importante na linguagem cotidiana pois aparece sempre que o remetente e o destinatário tem necessidade de verificar se estão usando o mesmo código. Estas sentenças fornecem informação apenas a respeito do código lexical do idioma.

Quando, houver pendor para a mensagem por ela própria, estará havendo a função poética que pode ser encontrada como um constituinte acessório em todas as outras atividades verbais.

Vemos desta forma, que há no discurso, orações que potencialmente transmitiriam mais informação e outras que estariam mais voltadas à comunicação em si e ao código em si transmitindo portanto, potencialmente, menor quantidade de informação.

CAPÍTULO III

D E L I N E A M E N T O G E R A L

D A P E S Q U I S A

A pesquisa sobre hesitação realizada, partiu dos trabalhos de Bernstein e de Goldman Eisler.

No entanto, nossos objetivos sendo um tanto diferentes daqueles propostos em tais estudos, e o fato de estarmos levando em conta, de um lado a realidade de nossa população e de outro, a realidade das possibilidades disponíveis para a execução da pesquisa levou-nos a utilizar um instrumento de medida próprio.

1 - Construção do instrumento de medida.

Assim, foi preciso em primeiro lugar, que construíssemos tal instrumento para o fenômeno, adaptado aos nossos objetivos. Este deveria ter sua eficiência testada e com esta finalidade fizemos um estudo prévio, após a idealização do instrumento, cujas características serão abaixo relatadas, tendo o suporte teórico de Bernstein sido mantido.

1.1. Desta forma o primeiro passo foi selecionarmos um tema, que seria proposto para a conversa nos grupos de sujeitos, posteriormente selecionados. Optamos por um tema de interesse geral e não particular a qualquer dos grupos amostrais. " A mulher que trabalha fora ", foi considerado um tema genérico e por isso escolhido.

O próximo passo foi estipular o tempo de gravação a ser utilizado, tendo este sido fixado em aproximadamente quarenta minutos, tempo este supostamente suficiente

para a análise, sem ser excessivamente longo e propiciador de dispersão.

O próximo passo foi estipular o tempo de gravação a ser utilizado tendo este sido fixado em aproximadamente quarenta minutos, tempo este supostamente suficiente - para a análise, sem ser excessivamente longo e propiciador de dispersão.

2 - Seleção da Amostra.

Entre as alternativas que podem ser usadas para delimitação dos indivíduos que iriam construir a amostra, optamos por trabalhar com uma amostragem não probabilística, pela técnica de amostragem intencional.

Isto porque necessitávamos extrair da população, sujeitos que deveriam possuir certas características, que fossem típicas, isto é, deveríamos selecionar pessoas que exercessem atividades profissionais diferenciadas.

De um grupo denominado "fazer = falar", isto é, indivíduos que profissionalmente usassem a fala como instrumento de trabalho, fariam parte advogados e de outro grupo denominado "fazer ≠ de falar", isto é, indivíduos que tivessem qualquer outra ação que não a de falar como instrumento de seu trabalho, fariam parte dentistas.

Segundo Selltiz, Jahoda (19) Good e

Hatt (20) a suposição básica da amostragem intencional é que , com base num julgamento e numa estratégia adequados possamos - escolher os casos que devam ser incluídos na amostra, e que se jam satisfatórios para nossas necessidades.

Desse modo, entre diversas categorias de trabalhadores que satisfaziam as exigências acima mencionadas, escolhemos dez profissionais, trabalhadores por conta própria em situação regular de trabalho, (seguimos de perto a diferenciação e descrição de trabalhador por conta própria descritos por Prandi) (21), sendo que cinco eram dentistas e cinco eram advogados.

Entre as diversas variáveis relevantes que poderiam interferir na caracterização dos sujeitos optamos por controlar:

- 2.1 - Sexo masculino
 - 2.2 - Idade entre 30 e 39 anos
 - 2.3 - Estado civil (não solteiros)
 - 2.4 - Todos deveriam ser paulistas
 - 2.5 - Todos deveriam ser formados em São Paulo
 - 2.6 - Todos deveriam estar em exercício da profissão
 - 2.7 - Todos deveriam suprir suas necessidades básicas por meio da atividade profissional.
 - 2.8 - Em cada grupo, os sujeitos deveriam se conhecer prévia - mente para haver a possibilidade de conversa informal entre eles.
- 3 - Coleta de dados.

Preliminarmente, a coleta de dados para a testagem do instrumento foi realizada no final do segundo semestre de 1977 em ambiente distenso, adequado e imparcial para ambos os grupos. As instruções foram fornecidas, pela pesquisadora, de forma a esclarecer tratar-se de um experimento interessado em detectar "diferenças". Dessa forma, deveriam, conversar, descontraidamente, sobre o tema proposto como num bate-papo informal de amigos, já que se conheciam mutuamente.

Esclarecemos também, que os sujeitos não seriam identificados, nem suas idéias em particular, estariam sendo alvo de análise ou julgamento.

Para que pudessemos captar o todo da conversa seria necessário o uso do gravador.

3.1. Transcrição das fitas.

O passo seguinte foi procedermos a transcrição das gravações, para que pudessemos classificar as orações de acordo com o critério pré-estabelecido.

As gravações foram reservadas para a análise das pausas.

A princípio, pensamos em cronometrá-las, contar palavras repetidas, falsos começos e interrupções; uma reflexão mais cuidadosa sobre o assunto mostrou-nos que assim procedendo além de estarmos perdendo importantes elemen-

tos do discurso que não poderiam ser quantitativamente obtidos estaríamos incorrendo numa grande imprecisão, desde que a cronometragem humana e não eletrônica é altamente imprecisa.

Optamos assim, pela classificação das orações segundo as proposições de Jakobson, levando em conta a sua função e catalogando-as em duas categorias distintas: da primeira categoria (CI) fariam parte as orações com as funções emotiva, referencial e conativa e da segunda categoria, as orações com as funções fática e metalinguística. (C II).

Assim categorizadas as orações, passamos a selecionar tipos (CIIt e CIIt), sendo estes a primeira ocorrência de uma forma qualquer e casos (CIc e CIc) sendo estes a ocorrência repetida de qualquer forma de ambas as categorias e feita sua contagem.

A próxima tarefa seria a classificação para posterior contagem de pausas. Esta obedeceu ao critério de " longas " (Pl) e breves (Pb). As longas seriam as que indicassem, não uma parada de respiração, mas uma parada onde fosse perceptível uma dificuldade de verbalizar o pensamento ou onde houvesse uma reformulação de idéias, marcadas por uma mudança no pensamento.

Isto, no fundo, estaria nos informando sobre um gasto de tempo maior na execução do ato de explicitar idéias e portanto, de mais hesitação.

As pausas breves seriam as encontra -

das na fala " normal " ou na leitura sendo portanto, as pausas utilizadas para respiração e ocorrendo em pontos naturais do discurso usual.

Esta classificação foi a efeito por dois observadores treinados até que em sucessivas tentativas se obtivesse um nível de concordância de. 80.

Desta forma, pareceu-nos que toda a extensão do discurso estaria sendo levada em conta. Foram então chamadas de emissões tanto a ocorrência de tipos, de casos de ambas as categorias e a ocorrência de ambos os tipos de pausas.

Assim, o instrumento construído foi aceito, desde que demonstrara ser capaz de medir o fenômeno em questão e portanto, partimos para a execução da pesquisa, propriamente dita, que foi levada a efeito nos mesmos moldes do estudo prévio e utilizando o mesmo instrumento de medida.

Queremos apenas ressaltar, que exceção feita ao número de sujeitos da amostra que passou de dez para vinte. (sendo dez dentistas e dez advogados), o procedimento foi análogo. Como, esse tipo de amostragem intencional não obedece as exigências da técnica probabilística, os dados brutos, após serem coletados e codificados, foram submetidos à tratamento estatístico percentual, já que, nosso objetivo era a comparação entre variáveis não paramétricas.

Partimos, então, da premissa que dentro do mesmo grupo de indivíduos que supostamente faz uso do mesmo

grupo de indivíduos que supostamente faz uso do mesmo código possam ser detectadas entre os grupos, no discurso verbal, diferenças no nível de hesitação. Duas foram as variáveis independentes que selecionamos, como potencialmente influentes. São elas:

4. Variáveis

4.1. variáveis independentes (Vi): Atividades Profissionais.

4.1.1. variável " a " onde:

atividade profissional exercida por indivíduos cujo fazer seja a própria ação do falar. No nosso caso, advocacia.

4.1.2. variável " d " onde:

atividade profissional exercida por indivíduos cujo fazer seja diferente da ação do falar. No nosso caso, odontologia.

4.2. variáveis dependentes (v.d.) :

refere-se ao nível de hesitação na linguagem dos sujeitos que supostamente é diferente e perceptível.

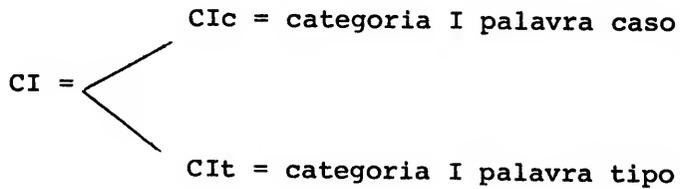
Desse modo, segundo o nível de hesitação maior ou menor a amostra distribuiu-se em :

4.2.1. variável categoria (C) donde :

a) CI (categoria I) refere-se a orações que seriam, potencialmente, pela sua função portadoras de mais

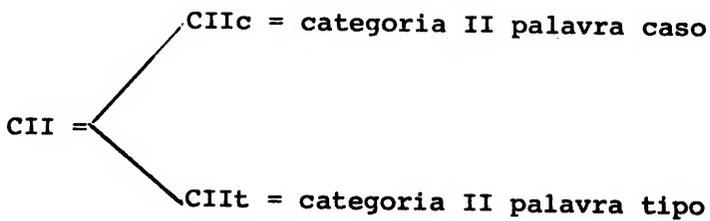
informação sobre o assunto.

Essa categoria engloba dois tipos de palavras:



b)- CII (categoria II) refere - se a orações que, potencialmente seriam pela sua função, portadoras de menos informações sobre o assunto.

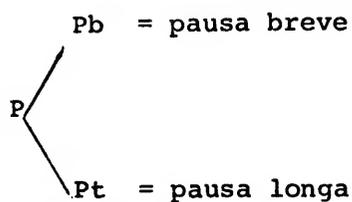
Essa categoria engloba também, dois tipos de palavras.



4.2.2. variável pausa (P) referindo-se à interrupção do discurso .

Essa variável engloba dois tipos de

pausas:



O diagrama abaixo demonstra o cruzamento das variáveis.

vd Vi	CI categoria I		CII categoria II		P Pausas	
	CIc	CIIt	CIIc	CIIIt	Pb	Pl
a advogados						
d dentistas						

CAPÍTULO IV

A P R E S E N T A Ç Ã O D O S D A D O S

E A N Á L I S E D O S

R E S U L T A D O S

CAPÍTULO IV

Apresentação dos dados e análise dos resultados.

Os dados brutos obtidos foram codificados, tabulados e analisados percentualmente procurando-se evidenciar como se combinavam as variáveis independentes e dependentes .

A tabela a seguir demonstra a relação bruta entre essas variáveis.

Vd Vi	CI		CII		P		total de Emissões
	CIc	CI t	CI Ic	CI It	Pb	P1	
ADVOGA DOS a	5204	2952	230	326	980	122	9814
DENTIS TAS d	8952	3540	668	654	680	1072	15566
TOTAL	14156	6492	898	980	1660	1194	25380

O que equivale a análise percentual de :

Vd Vi	C I		C II		P		TOTAL
	C Ic	C It	C IIc	C II t	Pb	Pl	%
a	53,1	30,1	2,3	3,3	10,0	1,2	100%
d	57,5	22,7	4,3	4,2	4,4	6,9	100%
TOTAL 3	55,3	25,6	3,5	3,9	6,5	4,7	100%

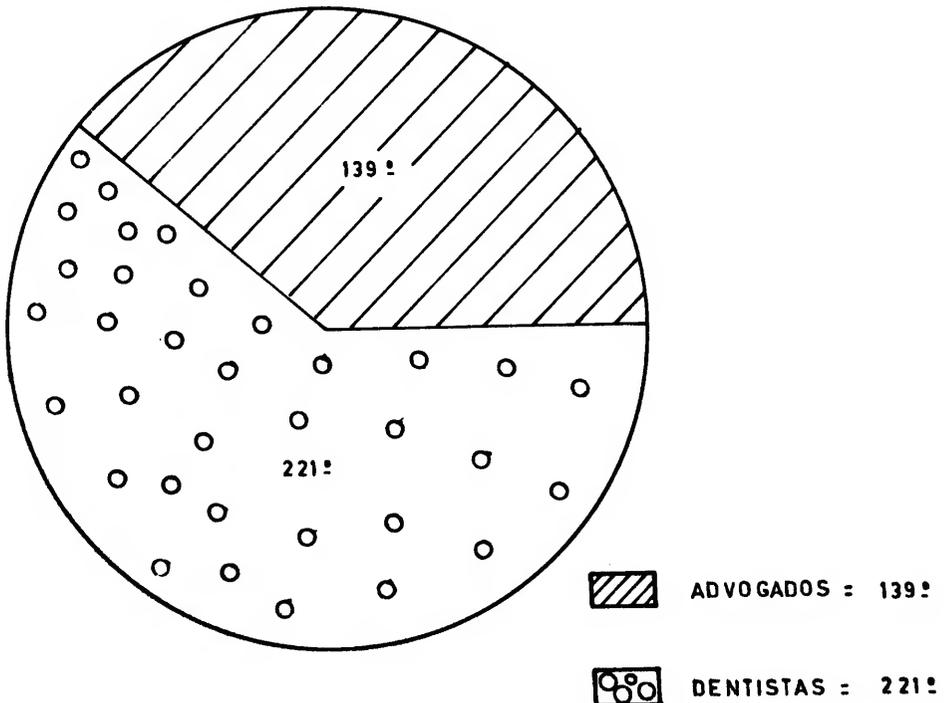
No cômputo geral dos dados, tendo por base a análise INTER E INTRA CASELAR pudemos verificar que:

1 - O total de verbalização foi na ordem de 25.380 palavras, sendo que esta distribuição obteve um índice de 61,3% (15.566 emissões) para os dentistas, e 38,7% (9.814 emissões) para os advogados, sendo a amplitude da diferença de 22,7% a favor dos dentistas.

O gráfico de setor a seguir, que tem por finalidade confrontar as partes integrantes de um total, no nosso caso, total de emissões, entre advogados e dentistas, representando o fenômeno.

GRÁFICO I

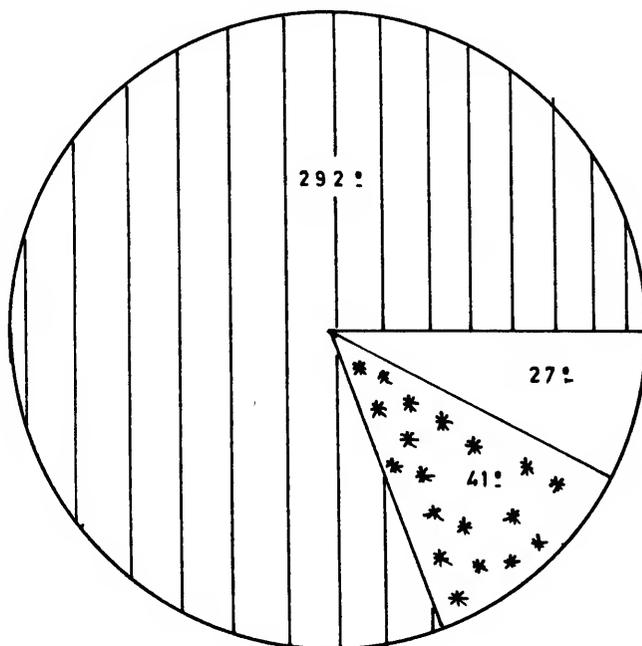
Relação de emissões Verbalizadas entre Advogados e Dentistas.



2 - No geral, pudemos verificar que dentre o total de emissões as orações codificadas e expressas nas caselas marginais, pertencentes à categoria I, isto é, as que são potencialmente mais informativas em ambos os grupos profissionais, obtiveram maior índice.: 81,4% (20.648 palavras) quando comparadas com as orações codificadas na categoria II - 7,4% (1.876 palavras) e com as pausas 11,2% (2.854 pausas), Na representação a seguir podemos visualizar melhor o fenômeno.

GRÁFICO II

Relação de emissões codificadas como categoria I, categoria II e pausas.



 C I : 292%

 C II : 41%

 P : 27%

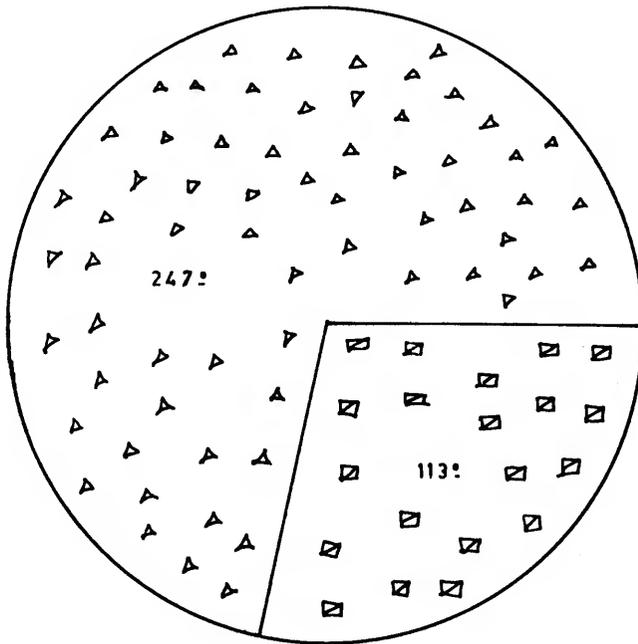
3 - Levando-se em conta, s^omente os da dos codificados na categoria I, englobando as palavras caso e as palavras tipo, verificamos que :

3.1 - No geral as palavras caso (C_{Ic}) obtiveram $\acute{\text{índice}}$ de 55,8% e as palavras tipo (C_{It}) de 25,6%, sendo amplitude de diferen $\tilde{\text{c}}a$ da ordem de 30,2% em favor das palavras caso. (C_{Ic}).

O gr $\acute{\text{a}}f\text{ico}$ a seguir, demonstra a tend $\tilde{\text{e}}n\text{c}\hat{\text{e}}n\text{c}\hat{\text{a}}$ cia do fen $\hat{\text{o}}m\text{e}n\text{o}$.

GR $\acute{\text{A}}f\text{ICO}$ III

Rela $\tilde{\text{c}}\hat{\text{a}}o$ entre palavras caso e tipo da categoria I.



 C_{Ic} = 247:

 C_{It} = 113:

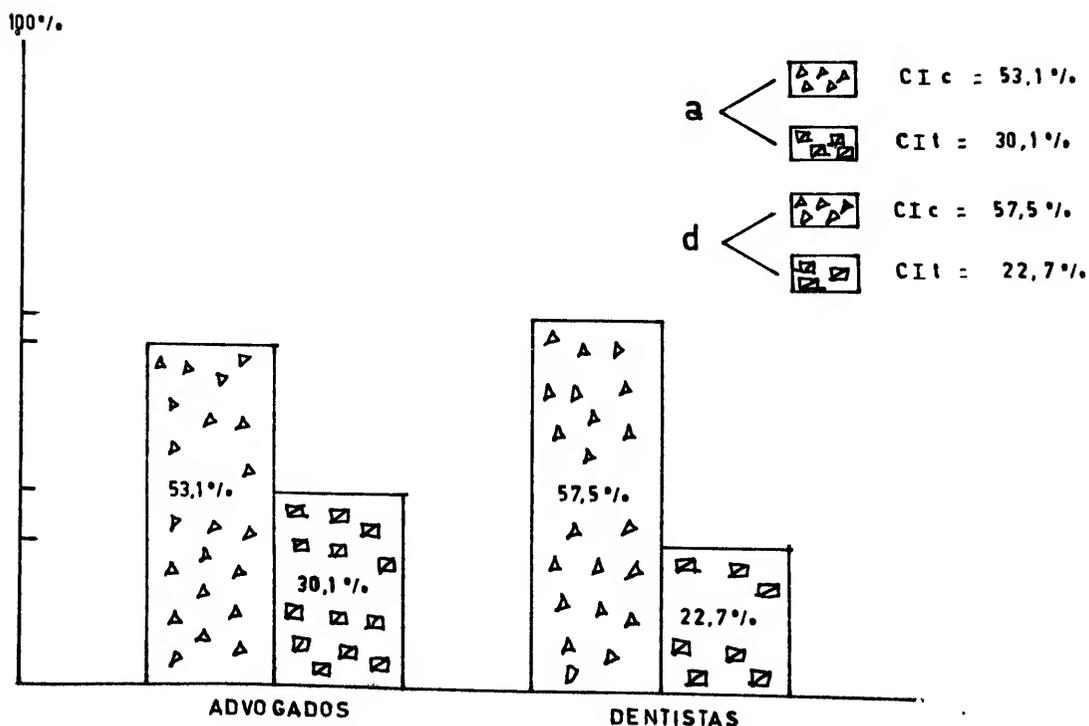
3.2 - Do cruzamento das variáveis categoria I e atividades profissionais, podemos verificar que, os dentistas emitem em seu discurso um índice de 57,5% a favor da palavra caso (CIc) e 22,7% com referência à palavra tipo (CI t).

Por outro lado, podemos observar que os advogados, também emitem em seu discurso mais palavras inseridas na categoria I - caso: 53,1% para 30,1% na categoria I - tipo.

Na representação gráfica a seguir, cada gráfico de coluna representa uma variável independente, isto é, respectivamente advogados e dentistas; e no interior de cada um deles observa-se como se deu a emissão das orações inseridas na categoria I e levando-se em conta as palavras caso e tipo.

GRÁFICO IV

Classificação da amostra segundo atividade de profissionais e categoria I. (CIc e CI t).

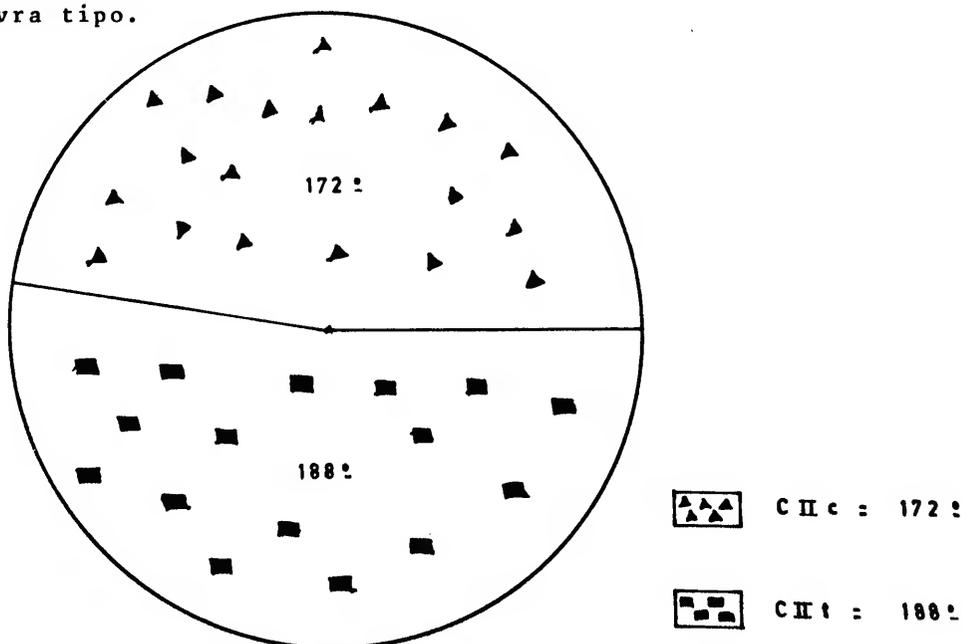


3.3 - A representação gráfica, facilita a observação da relação estabelecida entre as amostras, donde se conclue que majoritariamente ambas as amostras utilizaram orações codificadas' na categoria I, isto é, verbalizam orações cujo conteúdo é potencialmente mais informativo, mas, a relação inter amostral ocorre no sentido inverso, isto é, se por um lado ambas as amostras utilizam-se do código CIIc (para informar utilizam palavras repetitivas), por outro lado, no cômputo geral, os advogados embora repetitivos, informariam mais, pois, utilizam-se de maior número de palavras tipo (30,1%) do que os dentistas, (cujo percentual é de 22,7%), sendo a amplitude da diferença de 7,4% a favor dos advogados.

4 - Por outro lado, as palavras codificadas na categoria II (CII), no geral, foram as que obtiveram a menor frequência (7,4%) sendo que nesta categoria, as palavras CIIc obtiveram um escore de 3,5% e as palavras CIIt um percentual de 3,9%, sendo a amplitude de diferença de 0,4% .

GRÁFICO V

Relação na categoria II entre palavra caso e palavra tipo.



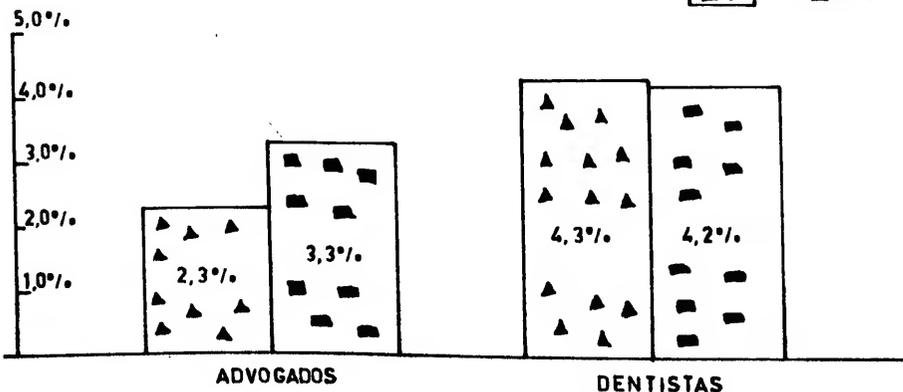
A análise do cruzamento entre esta variável CII e atividades profissionais demonstram que:

4.1 - Os dentistas emitiram maior número de verbalizações inseridas nesta categoria, num total de 8,5%, sendo que 4,3% para CII palavra caso e 4,2% para CII palavra tipo. Considerando a diferença de apenas 0,1%, podemos afirmar que houve uma equivalência. Em outras palavras os dentistas quando verbalizavam o rações inseridas no CII o fizeram em igual proporção tanto para palavras consideradas caso como tipo. Dentista (CIIc = CIIt)

4.2 - No que diz respeito as verbalizações inseridas nesta categoria (CII) na amostra dos advogados podemos afirmar que foi o menor índice obtido de todo o amostral 5,6%, sendo que 2,3 % na categoria II palavra caso (CIIc) e 3,3% na categoria II palavra tipo (CIIt), isto é, CIIt maior CIIc. Os gráficos a seguir mostram a tendência do fenômeno.

GRÁFICO VI

Classificação da amostra na categoria II entre palavra caso e palavra tipo.



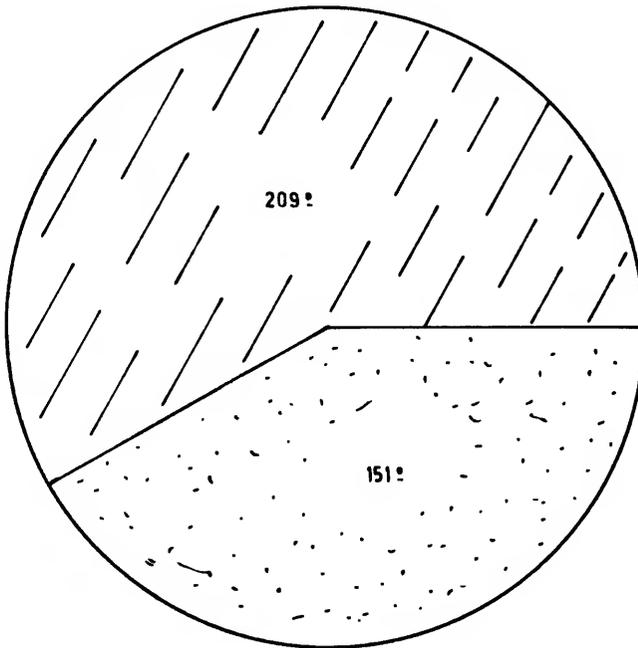
5 - Na variável pausa, cujo objetivo foi detectar a ausência de emissões no discurso os dados indicam - que:

5.1 - O total de pausas emitidas foi da ordem de 22,5% de emisões, sendo 14,4% de pausas breves e 8,1% de pausas longas, sendo, a diferença de ordem de 63% a favor das pausas breves.

No gráfico a seguir visualizamos melhor o fenômeno.

GRÁFICO VII

Relação obtida na variável pausa entre pausa longa e pausa breve.



 Pb = 209

 Pl = 151

5.2 - No cruzamento entre as variáveis pausa longa e pausa breve e atividades profissionais, pudemos verificar que:

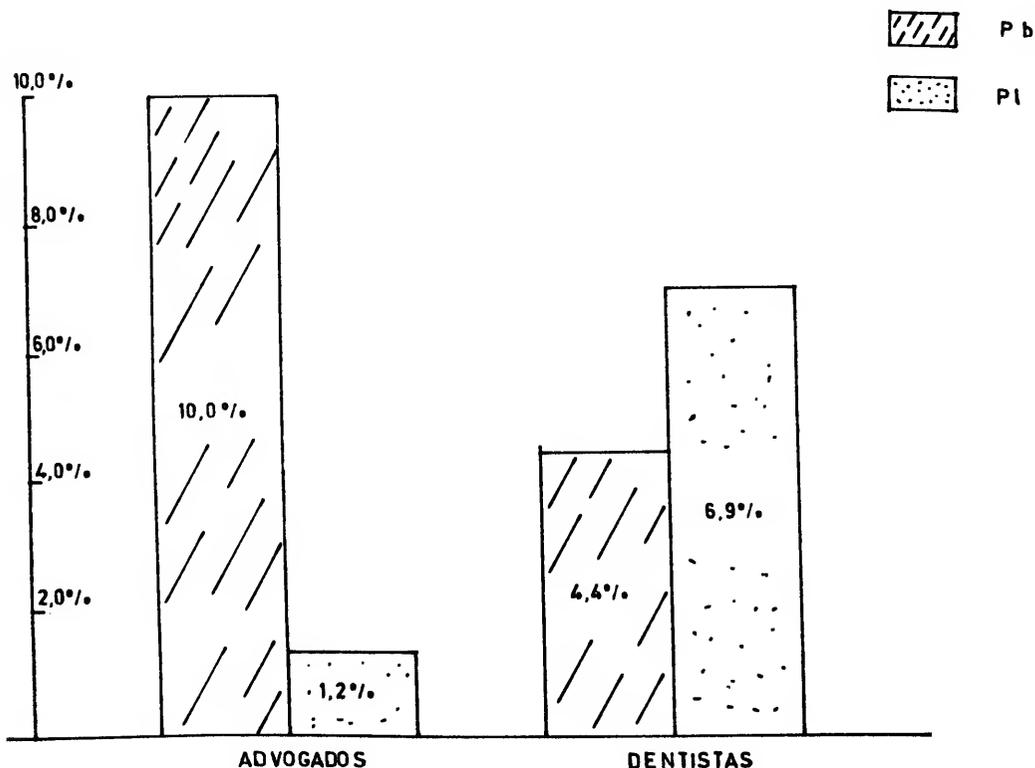
5.2.1 - Os advogados utilizaram-se no discurso de um total de 11,2% de pausas, sendo 10% referidos a pausa breve (Pb) e 1,2% a pausa longa (Pl) onde a diferença é da ordem de 8,8% a favor das pausas breves.

5.2.2 - Nos dentistas é interessante ressaltar que esta relação ocorre no sentido inverso, isto é, do total de pausas emitidas 11,3% a distribuição favorece às pausas longas 6,9%, se comparadas às pausas breves 4,4%, sendo a diferença de 2,5% .

A relação obtida encontra-se expressa nos gráficos abaixo.

GRÁFICO VIII

Classificação da amostra entre pausa breve e pausa longa.



CAPÍTULO V

C O N C L U S Õ E S

Se nas preliminares deste estudo, objetivamos verificar se a forma de atuação social, diferenciada pela profissão, refletia-se no uso diferenciado de linguagem, isso apreensível por meio de análise da maior ou menor presença do fenômeno da hesitação, desde logo, é interessante ressaltar a relação linear encontrada entre tais variáveis.

Tendo por base o cômputo geral dos dados e a análise quantitativa, podemos inicialmente afirmar que:

1 - Conclusões Gerais

1.1 - Entre o total de emissões expressas e codificadas os dentistas verbalizam mais que os advogados donde:

d verbaliza mais que a

1.2 - Ambas as amostras (d,a) verbalizam mais orações codificadas na categoria I, donde:

d e a verbalizam mais CI

1.3 - Tendo por base o total de emissões, a relação obtida entre os variáveis dependentes, para ambos os grupos profissionais foi de que as emissões inseridas na CI, foram numericamente maiores que as emissões de pausa e ambas maiores que as emissões da CII, donde:

a e d CI > P > CII

1.4 - Dentre as palavras emitidas por ambas as amostras na categoria I, as palavras caso foram numericamente maiores do que as palavras tipo, donde:

$$a \text{ e } d \text{ CIc} > \text{CIt}$$

1.5 - Os dentistas tiveram emissões numericamente maiores de palavras caso da CI do que os advogados, donde:

$$d \text{ CIc} > a \text{ CIc}$$

1.6 - Advogados tiveram emissões numericamente maiores de palavras tipo da CI, do que os dentistas, donde:

$$a \text{ CIt} > d \text{ CIt}$$

1.7 - Dentistas verbalizaram numericamente mais orações da CII do que os advogados, donde:

$$d \text{ CII} > a \text{ CII}$$

1.8 - Dentistas tiveram emissões numericamente equivalentes de palavras tipo e palavras caso na CII, donde:

$$d \text{ CIIc} = d \text{ CIIt}$$

1.9 - Advogados tiveram emissões numericamente maiores da palavra tipo do que da palavra caso da CII, donde:

$$a_{CIIt} > CIIC$$

1.10 - Em ambas as amostras, houve emissões numericamente equivalentes da pausa donde:

$$a_e d = P$$

1.11 - Advogados tiveram emissões numericamente maiores da pausa breve do que pausa longa, donde:

$$a_{Pb} > Pl$$

1.12 - Dentistas tiveram emissões numericamente maiores de pausa longa do que de pausa breve, donde:

$$d_{Pl} > Pb$$

Os gráficos abaixo, tendo por base as atividades profissionais, caracterizam a distribuição:

GRÁFICO IX

Relação entre atividade profissional -
"Advogados " e variáveis dependentes.

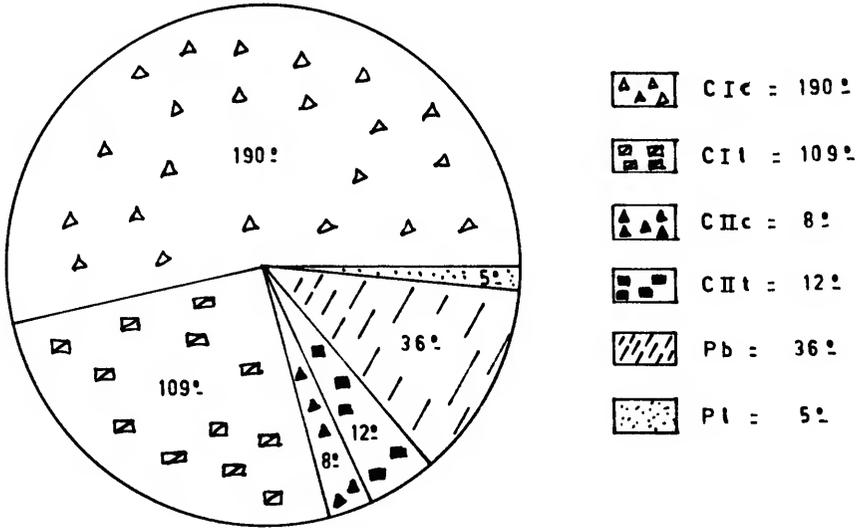
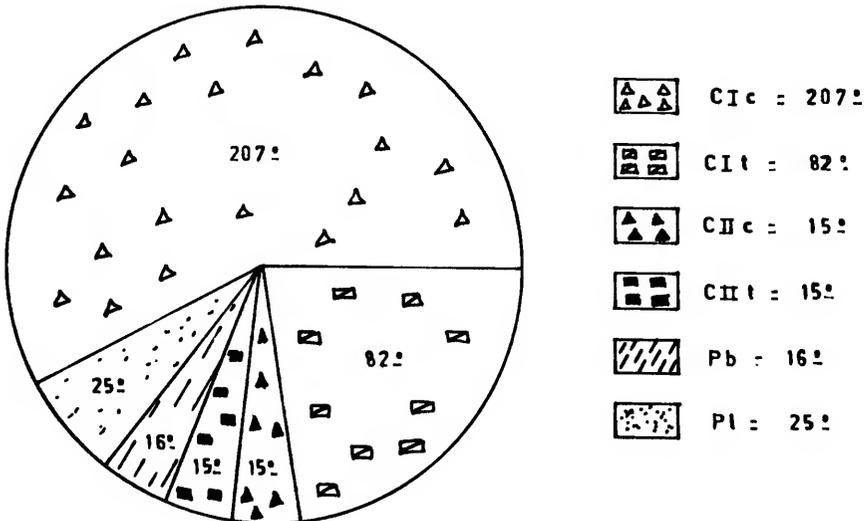


GRÁFICO X

Relação entre atividade profissional -
"Dentistas " e variáveis dependentes.



2 - CONCLUSÕES ESPECÍFICAS

Se no início deste estudo exploratório, num primeiro momento, se fez necessária a análise quantitativa dos dados para melhor compreendermos o fenômeno em sua generalidade, bem como para verificarmos a existência ou não da relação proposta, agora se faz necessária a análise do fenômeno em sua especificidade, que pode ser obtida pelas análise, comparativa das variáveis.

Em outras palavras, se nas conclusões e evidenciamos relações existentes entre atividades profissionais e uso diferencial da palavra pela maior ou menor presença do fenômeno da hesitação no discurso dos grupos em questão, então resta-nos demonstrar em que direção ocorreu tal variação.

Para tanto fizemos um reagrupamento dos dados com objetivo de verificar em que direção ocorrera nas amostras o nível de hesitação na verbalização dos grupos.

Nossa expectativa, advinda dos construtos teóricos apresentados era de que ocorresse maior hesitação na direção do grupo dos dentistas onde o fazer não corresponde ao falar e onde portanto é menos hábil o emprego da palavra. Nos advogados o processo seria o inverso.

Tal expectativa só poderia ser expressa pelo cruzamento das modalidades que compõem as variáveis dependentes (CI, CII e P).

Desse modo, nossos indicadores de maior nível de hesitação seriam:

P_l
C_{Ic}
C_{IIc}

isto é, quanto maior a frequência expressa de pausa longa, categoria I palavra caso e categoria II palavra caso, maior seria o nível de hesitação. Por outro lado os indicadores de menor índice de hesitação seriam:

P_b
C_{IIt}
C_{IIIt}

isto é, quanto maior a frequência expressa de pausas breves em relação a frequência de pausa longa, quanto maior a frequência de palavras tipo categoria I e quanto maior o índice de palavras tipo da categoria II em relação às palavras caso de tal categoria, menor o nível de hesitação.

Na tabela a seguir podemos verificar em que direção ocorreu o nível de hesitação tendo por base os indicadores de maior hesitação.

Vi \ Vd	a		d	
	BRUTOS	%	BRUTOS	%
C I _c	5204	53,1	8952	57,5
C II _t	230	2,3	668	4,3
P _l	122	1,3	1072	6,9
TOTAL	5556	56,6	10692	68,7

Segundo resultados obtidos por esses indicadores teóricos podemos desde já validar nossa hipótese alternativa, isto é, há diferença no nível de hesitação para indivíduos diferenciados segundo o tipo de atividade profissional na ordem de 12,1% a favor dos dentistas.

Resta-nos portanto verificar em que direção ocorreu o nível de hesitação tendo por base os indicadores de menor hesitação, objetivando comparativamente a não concordância.

A tabela a seguir demonstra os resultados.

Vi \ Vd	a		d	
	BRUTOS	%	BRUTOS	%
CIt	2952	30,1	3540	22,7
C IIt	326	3,3	654	4,2
Pb	980	10,0	680	4,4
TOTAL	4258	43,4	4374	31,3

Para tanto procederemos a demonstrar:

2.1 - A concordância existente entre as amostras.

2.2 - A comparação típica ou atípica interamostral.

2.1 - Concordância existente entre as amostras.

Tendo como ponto de partida a análise comparativa dos resultados pudemos evidenciar algumas concordâncias entre os sujeitos de ambos os grupos.

Assim:

2.1.1 - Ambas as amostras verbalizaram predominantemente orações da categoria I (C_I) isto é ambos transmitem conteúdos informativos em seu discurso usual (81,4%).

2.1.2 - Em ambas as amostras verificou-se uma ordenação decrescente entre categoria I, pausa e categoria II ($81,4 > 11,2 > 7,4$), isto é, ambos a grosso modo apresentam mais elementos com potencial informativo (CI) do que elementos com potencial menos informativo (P e CII).

2.1.3 - Em ambas as amostras verificou-se que as palavras caso ocorreram em maior número do que as palavras tipo, com referência à categoria I, isto é, em ambas as amostras ocorre a emissão repetitiva de palavras para transmissão de informação ($55,8 > 25,6$).

2.2 - Comparação típica ou atípica interamostral.

A análise comparativa dos resultados percentuais dos advogados demonstrou que:

2.2.1 - Há uma tipicidade neste grupo com referência a variável categoria II levando-se em conta tanto as palavras tipo como caso.

Esta ocorreu a favor das palavras tipo (CIIt = 3,3%) em detrimento das palavras caso (CIIC = 2,3%); isto é, neste grupo mesmo quando as orações são da categoria II que potencialmente são menos informativas, há uma maior utilização de tipos do que de casos o que significa menor número de repetições e maior transmissão de informação.

2.2.2 - Há também uma tipicidade neste grupo com referência a variável pausa:

A padronização ocorre numa direção que favorece a pausa breve ($P_b=10\%$) em relação à pausa longa ($P_l = 1,2\%$), isto é, as pausas encontradas são mais pausas classificadas como de respiração do que reformulação de pensamento.

A análise comparativa dos resultados percentuais dos dentistas demonstrou que:

2.2.3 - Há uma equivalência típica neste grupo com referência à variável categoria II levando-se em conta tanto as palavras tipo como caso (CIIC = 4,3% e CIIt = 4,2%) isto é, neste grupo quando as orações são da categoria II, que potencialmente são menos informativas, há

além disto, uma igualdade na utilização de palavras tipo e caso que demonstra que o número de repetições diferentes o que torna a informação mais reduntante e menos informativa.

2.2.4 - Há também uma tipicidade neste grupo com referência à variável pausa e a padronização ocorre numa direção que favorece a pausa longa ($P_l=6,9\%$) em relação a pausa breve ($P_b=4,4\%$) isto é as pausas encontradas em maior número são as classificadas como de reformulação de pensamento do que de respiração.

A análise comparativa dos resultados percentuais entre os advogados e dentistas demonstram que:

2.2.5 - Nos advogados houve um maior número de emissões de palavras tipo da categoria I ($30,1\%$) em relação aos dentistas ($22,7\%$), isto é, os advogados utilizaram-se de uma maior variedade de vocabulário no discurso destinado a transmitir informação.

2.2.6 - Os dentistas verbalizaram mais do que os advogados ($61,3\%$ e $38,7\%$) respectivamente isto é, os dentistas emitiram maior número de palavras e pausas para expressar informação.

2.2.7 - Os dentistas verbalizaram mais palavras caso da categoria I ($C_{Ic} = 57,5\%$) do que os advogados ($C_{Ic} = 53,1\%$), isto é mesmo quando suas emissões são de orações da categoria I que potencialmente transmite mais informação, há uma maior utilização de casos do que de tipos o que significa maior número de repetições e menor transmissão de informação.

2.2.8 - Os dentistas verbalizam mais orações da categoria II

(CII = 8,5%) do que os advogados (CII = 5,6%), isto é nos dentistas há maior utilização de orações potencialmente menos informativas do que no grupo de advogados, o que significa que comparativamente utilizam para expressar seu pensamento mais orações com potencial menos informativo que os advogados.

3 - CONCLUSÃO FINAL.

A partir dos construtos teóricos preliminarmente abordados, de que a linguagem deve ser vista como o principal instrumento da comunicação informativa, e levando em conta nossa preocupação inicial de que seria preciso conhecermos acuradamente certas particularidades do uso da linguagem por diferentes grupos, partimos para um estudo exploratório no qual acreditávamos ser possível verificar se a forma de atuação social diferenciada refletir-se-ia no uso da linguagem e em que direção isto ocorria.

Verificamos que, não só há uma variabilidade na linguagem de grupos pertencentes ao mesmo estágio como também demonstramos a interferência da variável atividade - profissional na direção desta variabilidade.

A atividade profissional é contenedora de fatores que propiciam tal variabilidade:

Tais fatores seriam neste caso, a diferenciação proposta entre fazer correspondente ao falar e fazer não correspondente ao falar.

Se a atividade profissional caracteriza e controla o relacionamento social do indivíduo, e, se sua linguagem é decorrente e mantenedora desta posição, fica desde já demonstrada a validade da diferenciação profissional proposta, pela diferença analítica qualitativa e quantitativamente comprovada pelos dados.

Esta diferenciação nos remete a Bernstein

que propõe que a socialização determina as características de linguagem; mais que isso achamos que é o uso que se faz da linguagem que acaba por determinar suas características, o que reitera nossa proposta de buscar na atividade profissional uma das possíveis fontes de variabilidade interferente na linguagem. É exatamente por esta razão que neste primeiro estudo exploratório trabalhamos com uma amostragem intencional na qual as atividades profissionais deveriam não só satisfazer nossas exigências devendo conter sujeitos que também fizessem parte do mesmo degrau da pirâmide social. Demonstradas diferenças existentes entre componentes grupais do mesmo degrau e que, portanto, se utilizam predominantemente do mesmo código linguístico como os define Bernstein, poderemos numa futura pesquisa, desde que a partir deste estudo exploratório temos circunscrita uma variável relevante, trabalhar com diferentes amostragens significativas dos diferentes níveis sociais e abarcando de forma mais ampla. (para então verificá-la) a teoria dos códigos Bernsteineanos. Por ora, fica confirmada a proposta de Labov de que a forma do comportamento verbal do falante muda se sua posição social muda, pela variabilidade encontrada já entre o mesmo estágio social.

Se no processo de socialização e aprendizagem como diz Bernstein o indivíduo interioriza o universo simbólico conjuntamente com a linguagem determinada pela estrutura social em que se insere, não podemos deixar de considerar as situações particulares de cada grupo que supostamente fazem do uso do mesmo código apresentam diferenças no nível de hesitação no falar

Assim, quanto mais o fazer profissional é um " fazer com as mãos " menor será a orientação para simbolização e abstração e maior a hesitação no falar e quanto mais o fazer profissional é um " fazer falando" maior será a orientação para simbolização e abstração e por maior ser a habilidade no falar menor será a hesitação na linguagem.

Fazer e falar não seriam então complementares?

Acreditamos que sim, pois não pode haver dissociação entre experiência vivida e sua manifestação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

R E F E R Ê N C I A S B I B L I O G R Á F I C A S

- 1 - De sua obra - Linguística e Comunicação pg.18
- 2 - De sua obra - Language Y Contexto pgs. 54 e 55
- 3 - De sua obra - Sociolinguística - Os níveis da fala pg. 08
- 4 - De sua obra - Linguagem e Classes sociais pg. 12
- 5 - De sua obra - Produção e Reprodução Institucional por uma análise das relações de poder nas instituições
- 6 - De sua obra - Language Y Contexto pg.55
- 7 - Fishman, J.A. Readings in the Sociology of Language pg. 05
- 8 - Labov, W - The reflexion of social processes in linguistic Structures in Fishman, J.A- Reading in the Sociology of Language pg. 240
- 9 - Labov, W - The reflexion of social processes in Linguistic Structures, in Fishman, J.A- Readings in the Sociology of Language pg.241
- 10 - Bernstein, B. - B. Bernstein, Code restreint et code élaboré - in Marcellesi Introduction à la Sociolinguistique pg. 159
- 11 - Marcellesi, Introduction à la Sociolinguistique pg. 159
- 12 - Bernstein, B. - in Marcellesi - Introduction à la Sociolinguistique pg. 160
- 13 - Bernstein, B. - in Marcellesi - Introduction à la Sociolinguistique pg. 167
- 14 - Bernstein, B. - A Sociolinguistic Approach to Socialization in Gumperz, Jonh J. Directions in Sociolinguistics pg. 467.
- 15 - Bernstein, B. Social class, linguistic codes and Grammatical elements in Language and Speech, v.5 pg.233

- 16 - Maclay, H and Osgood, C.E. - Hesitation Phenomena in Spontaneous English Speech - in Jakobovitz, h.A. and Miron S,M. Readings in the Psychology of Language pg.304 a 323
- 17 - Goldman, Eiser F. - The semantic Determination of Pauses and Spontaneity in Psycholinguistics Experiments in Spontaneous Speech.
- 18 - Jakobson, R. Linguística e Comunicação.
- 19 - Selltitz, Jahoda- Métodos de Pesquisa nas relações sociais
- 20 - Good, W.J. e Hatt, PK. - Métodos em Pesquisa Social
- 21 - Prandi, J.R. - O trabalhador por conta própria

B I B L I O G R A F I A

10. BUYSENS, Eric - Semiologia e Comunicação Linguística - Ed. Cultrix - São Paulo - 1972.
11. CARROL, John.B. - Psicologia da Linguagem - Zahar Ed. - Rio de Janeiro - 1972.
12. CAZACU, Tatiana Slama - Lenguaje Y contexto Ediciones Grijalbo - Barcelona - México. DF. 1970
13. COHEN, Marcel - Matériaux pour une Sociologie du Language François Maspero - Paris - 1971
14. DECAMP, David - Is a Sociolinguistic Theory Possible ? - Monograph Series on Languages and Linguistics - nº 22 Washington, George Town Univ Press - 1970
15. DITTMANN, Allen T. The Body Movement - Speech Rhythm Relationship as a cue to speech encoding in. Weitz, Shirley. Nonverbal Communication Oxford. University Press Inc . 1974.
16. DUCROT, Oswald - Princípios de semântica linguística - Ed. São Paulo - 1977
17. DURKLEIM, E - Educação e Sociologia. Ed. Melhoramentos . São Paulo 2a. Ed. 1972
18. ENGELS, F. El papel Del Trabajo en la transformacion Del Mono em Hombbre. Ed. Progreso Mosco, 1966
19. FISHMAN, Joshua A. - Domains and relationship Between Micro and Macrosociolinguistics in GUMPERZ, John J . Directions in sociolinguistics: the Ethnography of communication, Edited By John J. Gumperz and Dell Hymes. New York. Holt, 1972
20. . - The Sociology of Language in Fishman, Joshua A, in readines in the sociology of language. The Hague. Mouton. 1968

21. GOLDMAN, Eisler F. - Psycholinguistics. Experiments in Spontaneous Speech. Academic Press INC. Ltd. LONDON . 1973
22. GOODE, W.J. & HATT, P.K. - Métodos em Pesquisa Social. Ed. Nacional 4a. Ed. São Paulo, 1972
23. GRANAI, Georges - Problèmes de la Sociologie du Langage . in: Gurvitch Georges - Traité de Sociologie - Presses Universitaires de France - 1963
24. GREENBERG, J.H., - Universals of Language, - M.I.T. Press, Cambridge, 1963
25. GREENE, Judith - Pensamento e Linguagem - Ed. Zahar - Rio de Janeiro, 1976
26. GUILHON, A.J.A. - Produção e Reprodução Institucional por uma análise das relações de poder nas instituições F.F.L.C.H. - USP, 1977 Mimeografado
27. HALLIDAY, M.A.K. - The Users and Uses of Language in FISHMAN, Joshua A., In Readings in the sociology of Language . The Hague. Mouton. 1968.
28. HUTCHINSON, B. - Trabalho e Mobilidade. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Rio de Janeiro, 1961.
29. HAYAKAWA, S.I. - A Linguagem no Pensamento e na ação - Livraria Pioneira Ed. São Paulo, 1972.
30. JAKOBSON, R. - Linguística e Comunicação - Ed. Cultrix , São Paulo, 1970.
31. KAPLAN, A - A Conduta na Pesquisa, EDUSP. Herder, São Paulo 1972.
32. LABOV, William - On The Mechanism of Linguistic Change , in GUMPERZ, John J. Directions in sociolinguistics.

33. - The Logic of Nonstandard English. In BROWN , Hedy and STEVENS RICHARD, Social Behaviour and experience monographs on Language and linguistics. Vol. 22 . cap. 11. Open University, 1975.
34. - The Reflection of Social Processes in Linguistics Structures in FISHMAN, J.A. Readings in the Sociology of Language. The Hague. Mouton, 1968.
35. LANE, T.M. Silva - Significado Psicológico de Palavras em Diferentes Grupos Sócio-Culturais Tese de Doutorado / apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - 1972.
36. LEE, IRVING. J - LANGUAGE HABITS IN HUMAN AFFAIRS, Harper, s/l. 1941.
37. MARCELLESI, Introduction à La Sociolinguistique Ed. Larousse.
38. MARCUSCHI, Luiz, A. - LINGUAGEM E CLASSES SOCIAIS - Ed. Movimento Porto Alegre - 1975.
39. OSGOOD, CHARLES, E. - WILLIAM H. MACLAY-MURRAY S. MIRON - Cross - Cultural Universals of affective meaning - University of Illinois Press - 1975.
40. OSGOOD, E. CHARLES and MACLAY HOWARD - Hesitation Phenomena in Spontaneous English Speech. In Readings in the Psychology of Language - Edited By Leon A. JAKOBOWITS' e MURRAY S. MIRON. PRENTICE HALL, INC.
41. OSGOOD, CHARLES E. & SKINNER, B.F. - Meaning: Two Stimulus / Response Theories in Terwilliger, ROBERT, F. Meaning and Mind - A Study In The Psychology of Language. OXFORD INC. Press, New York, 1968.
42. PARRY, John. - Psicologia da Comunicação Humana - Ed. Cultrix, São Paulo. 1972.

43. PRANDI, J. REGINALDO - O Trabalhador por Conta Própria Sob o Capital. Coleção Ensaio e Memórias nº 14. Edições Símbolo - 1979.
44. PRETTI, Dino - Sociolinguística - os níveis de fala -Comp. Ed. Nacional - São Paulo, 1974.
45. ROMMETVEIT, RAGNAR - On Message Structure - John Wiley & Sons, Ltd. 1974.
46. SAUSSURE, F. de - Curso de Linguística Geral - Ed. Cultrix São Paulo , 1972
47. SCHEGLOFF, EMANUEL, L.A. - Sequencing in Conversational Openings, in GUMPERZ, John J. - Directions in Sociolinguistics: The Ethnography of Communication, Edited By JOHN, J. GUMPERZ, And DELL Hymes. New York Holt.C. 1972.
48. SELTZ, JAHODA, DEUTSCH & COOK. - Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais. Ed Herder, São Paulo, 1967.
49. SPIEGEL, R. MURRAY - Estatística. Ed. MAC GRAWHILL DO BRASIL LTDA. Rio de Janeiro, 1967.
50. STEINBERG, DANNY D. and JAKOBOWITZ, LEON A. SEMANTICS. / Cambridge, 1976.
51. URIBE, O. VILLEGAS - Sociolinguística - Una introducción a su estudio - Universidad Nacional Autónoma de México - México - 1970.
52. WHELDALL, K. - Comportamento Social, Zahar Ed. Rio de Janeiro - 1976.
53. WIENNER, NORBERT - O conceito de informação na ciência contemporânea, Ed. Paz e Terra - Rio de Janeiro. 1970.

S U M Á R I O

Sumário

Trata-se de um estudo exploratório destinado a detectar diferenças no fenômeno da hesitação. no discurso de indivíduos situados em duas categorias profissionais. Estas foram divididas segundo a relação que mantém com o uso da palavra e a atividade profissionalmente exercida.

Um estudo qualitativo e quantitativo é apresentado, precedido da codificação das orações selecionadas segundo suas funções, dos tipos de palavras utilizados e da -classificação diferencial das pausas encontradas.

Summary

The summary deals with an exploratory study to detect differences in hesitation phenomena in the speech of people, performed between two professional categories. These differences were divided according to the maintained relation with the use of the word and the activity professionally performed.

A qualitative and quantitative study is presented preceded by the codification of the selected sentences, according to their functions, types of used words and the deferential classification of the discovered pauses.

27/51-1
t401.8
C172h
e.2

t401.8
C172h
e.2

DEDALUS - Acervo - ECA



20100035314

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
BIBLIOTECA**

t28f.

t401.8 Camargo, Cecilia Noemi Morelli
C172h Ferreira de
e.2 A hesitação na comunicação

01-003-07